

RECORRE  
Apartado 2571  
Lisboa, Portugal  
43 01

DIARIO DO NORTE  
Porto  
DIARIO DE NOTICIAS  
Lisboa  
DIARIO POPULAR  
Lisboa

18. MAI 1966

# NO CENTENÁRIO DE ROCHA PEIXOTO

VEM DA 1.ª PÁGINA

era verdadeiramente possuído, e só, do puro amor à Ciência, quem assim procedia. Esse o serviço — o maior dos serviços — que Portugal ficou a dever ao poveiro insigne.

Não há aí ciência do homem, não há aí qualquer das especializações que vieram a autonomizar-se no século que vai decorrido após a morte desse poveiro, qualquer delas a constituir-se, então, pelos seus objectivos e pelos métodos que implica, em nova e autêntica ciência, que não tenha merecido, da parte de Rocha Peixoto, a atenção apaixonada de quem nasceu fadado para semelhante estudo e veio, depois, a aproximar-se no conhecimento do pormenor que lhe havia de consentir a esquematização — resistindo, assim, à tentação fácil da nota aligeirada e sem transigir com o pitoresco... pelo pitoresco. Sempre homem de ciência, e logo nos verdes anos. Mas homem de ciência que, dia a dia, vinha a afirmar-se experimentado, à custa de experiências sem conta. Intuído, sim, quando era caso de intuir — mas também a construir, e a título definitivo, sobre bases sólidas.

Aqui, além, num que outro pormenor, haverá, hoje, que rever alguma conclusão ou o enunciar de uma teoria que ficaram acepillados ao nome de Rocha Peixoto. Compreende-se: no prosseguimento dos seus estudos, triilhando os caminhos que ele rasgou e só percorreu em curtos anos, vieram outros cientistas ao conhecimento de novos pormenores, que foram, dele, ignorados. Mas ele não queria outra coisa, era isso o que ambicionava: sacudir indiferenças, congregar dedicações, apontar as veredas da investigação desinteressada — dando-lhes rumo certo. O que veio, após a sua morte, foi a consagração da sua obra.

Rocha Peixoto não é, hoje, um ignorado. Nem foi, hoje, esquecido. Por feliz iniciativa do Município da terra natal do cientista, o centenário do seu nascimento está a ser celebrado de maneira condigna. E não o esqueceu aquela instituição onde ele prestou serviços dos mais assinalados, quando a dirigiu: a Biblioteca Pública Municipal do Porto. A obra de Rocha Peixoto aí foi reunida numa exposição bibliográfica, iniciando-se assim a comemoração do centenário do seu nascimento, a completar com a evocação da sua vida e da sua obra através de uma conferência pública.

Quanto se diga e quanto se faça nunca será de mais, quando está em causa esse homem singular que foi Rocha Peixoto. Nunca será de mais: bem mais merece e sempre há-de merecer um sábio, que é, por definição, um homem inteiramente devotado ao bem comum. E Rocha Peixoto foi um verdadeiro sábio. Mais: foi, sobretudo, um mestre, um guia de sábios.

Este o homem que nasceu há cem anos — e bem mereceu da Pátria.

A.